

AVE, PALAVRA

Luiz Claudio Vieira de Oliveira*

Resumo: Análise do livro *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa, com a indicação de suas características: a metalinguagem, a busca da palavra exata, a experimentação linguística e a descrição poética de seres e paisagens, a intertextualidade, a escrita da poesia, o lirismo e a duplicação do narrador/autor. O volume representa a compilação, feita por Paulo Rónai, de textos de qualidade irregular, que serviriam de matéria-prima para que Guimarães Rosa desenvolvesse em outros textos, tal como fez com fragmentos de *Magma*.

Só as pessoas não morrem: tornam a ficar encantadas.

Guimarães Rosa

Com relação a esse livro póstumo de Guimarães Rosa, o primeiro problema que se coloca para o analista é o de sua classificação. O que é *Ave, palavra*? O título da obra levanta algumas reflexões por se tratar, primeiro, de uma saudação de origem latina, uma interjeição que se dirige à palavra, principal ingrediente do livro e matéria-prima de todos os autores e, em especial, de Rosa. Essa saudação nos remete ao latim, de onde provém, e à língua portuguesa, para onde migrou. Por outro lado, indica a cultura linguística de Guimarães Rosa, cujos domínios incluíam também o latim. Ela nos

* Universidade Federal de Minas Gerais/FUMEC.

envia, além disso, à preocupação do autor com o fazer literário, com sua poética, cujas origens estão em *Sagarana*, ou até antes, em *Magma*; à sua atenção no trato com a palavra; ao seu trabalho minucioso e permanente com a escolha, colocação e combinação de um vocábulo com os demais. Basta consultar as páginas de provas de seus textos e verificar a atenção dispensada à revisão.

É bastante conhecido o trecho do conto “São Marcos”, em que o narrador expõe sua concepção linguística, de que os reis valem apenas “por causa dos nomes”. Diz o narrador: “Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. (...) E não é sem assim que as palavras têm canto e plumagem.”¹ A palavra vale pela sua forma, pelo seu som, pela sua significação, por sua novidade ou mesmo por sua ancianidade, que provocam o estranhamento e a torna passível de ser reaproveitada. Valem também as palavras de outras línguas, antigas ou modernas, como o grego, o latim, o russo, o inglês, o holandês, o alemão. Valem as palavras indígenas. Há quem diga que até palavras vindas do japonês e do malaio. Em artigo publicado no Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais*, David de Carvalho transcreve trechos de cartas de William Myron Davis, autor do livro *Influência indo-iraniana no Grande sertão: veredas*, em que este especula sobre a etimologia japonesa, persa, hindu, sânscrita e árabe de palavras e nomes de personagens do romance de Guimarães Rosa.²

E isso sem contar o tratamento dado às palavras: os processos de prefixação e sufixação, as onomatopeias, as aliterações, toda a sonoridade de suas páginas, o ritmo e as rimas. Vários críticos já se ocuparam dessa temática rosiana, entre os quais estão Ângela Vaz Leão, Oswaldino Marques, Cavalcanti Proença,

¹ ROSA. *Sagarana*, p. 253.

² CARVALHO. William Myron Davis vasculha o *Grande sertão: veredas*, p. 10.

Nei Leandro de Castro, Mary Lou Daniel e Ivana Versiani. Mais recentemente, há o livro de Nilce Sant'Anna Martins sobre o léxico de Guimarães Rosa. Em Rosa, as palavras são o mágico instrumento que nos retira do “círculo de giz de prender perus”, da “goma arábica da língua quotidiana”,³ e nos leva a escanchar os planos da lógica, a romper com os hábitos linguísticos arraigados e com o pensamento apequenado a que a gramática nos condenou, tudo isso concentrado no sintagma “a megera cartesiana”.

Ave, palavra é um livro irregular. Paulo Rónai, que o organizou e lhe deu o título, deveria ter acrescentado um prefácio que desse conta dessa miscelânea, tal como se declara na orelha do volume, discutindo os critérios para a inclusão deste ou daquele fragmento no livro. O descaso pela edição, feita pela Editora Nova Fronteira, evidencia-se pela inexistência de um estudo crítico e pelo tom genérico empregado na apresentação do livro. A qualidade desigual dos textos merecia uma abordagem comparativa, com base na crítica genética, que não foi feita. Na orelha do livro, lê-se:

Ave, palavra é uma obra póstuma, e aos textos que o autor já havia deixado prontos foram acrescentados, pelo organizador da edição, Paulo Rónai, outros que Guimarães Rosa havia começado a rever e refundir para o livro, sendo que quatro deles eram totalmente inéditos. Em adendo, foram acrescentadas crônicas não originalmente planejadas para este livro, em sua maioria também inéditas.⁴

Nele couberam textos que Guimarães Rosa, com sua visão crítica, talvez deixasse no limbo por mais algum tempo, para irem se apurando e depurando, ganhando alma, se aperfeiçoando, tal como o doce no tacho, que precisa ser muito mexido para chegar ao ponto. Mas aí estão também alguns dos textos mais bonitos que

³ ROSA. *Tutaméia*: terceiras estórias, p. 4.

⁴ ROSA. *Ave, palavra*, [texto paratextual: orelha].

Guimarães Rosa já escreveu, como “Minas Gerais”, em que procura definir o mar de montanhas que é Minas, o mar de montanhas e de despenhadeiros, paradoxal, de cavernas e de alturas que há em Minas, as múltiplas direções em que Minas se estende, concentradas apenas nas duas que são visíveis: para cima e para baixo. É quase impossível defini-la, porque é “Minas, patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe.”⁵ Ou porque “(...) Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.”⁶ Ou ainda, porque “(...) sendo a vez, sendo a hora, Minas entende, atende, toma tento, avança, pejeja e faz.”⁷ Ou, talvez, de tão vastas, são “Minas em mim: Minas comigo. Minas.”⁸

O texto procura definir Minas, a mineiridade, o mineiro, da mesma forma como a outra crônica, denominada “Dois soldadinhos mineiros”, tenta definir essa essência tão variada e tênue que é ser mineiro. Esse texto começa pelas lembranças do autor, como numa autobiografia, dizendo da fazenda das Três Barras, que pertencera à sua família, de fatos ali acontecidos: fatos como a pescaria a que todos foram, em fila; como os costumes diferentes, tal como o de ter cobras mansas para caçar ratos; como o de ter sinos, para chamar os escravos, na varanda da casa de fazenda, enorme, de muitos cômodos, com sua larga varanda, igual ao convés de um navio. Talvez esse fosse um lugar mágico para o futuro escritor, lugar de onde, como diz “(...) muito se vê: a visão filtrada.”⁹ De lá, as montanhas eram himalaías, para muitas e todas as aventuras, para se traçar os planos de se conquistar o mundo. Lugar de lembrar o passado, o trisavô materno, morto por um escravo. Nos longos bancos da varanda, à noite, se juntavam os camaradas. Trazia-se uma bacia com brasas para se aquecerem enquanto esperavam o

⁵ ROSA. *Ave, palavra*, p. 269.

⁶ ROSA. *Ave, palavra*, p. 270.

⁷ ROSA. *Ave, palavra*, p. 274.

⁸ ROSA. *Ave, palavra*, p. 275,

⁹ ROSA. *Ave, palavra*, p. 252.

chá de folha de laranjeira. Para o menino, havia a bacia com água, para lavar os pés antes de dormir. Tudo isso são memórias que surgem de “atrás do tempo”, como ele diz. Porque a memória tem suas dobras e seus guardados, cada qual em seu lugar e tempo, ainda que às vezes qualquer mexida faça misturas, confusões.

Da infância pula-se para 1945, fim da guerra. A cena é um curral onde se tira leite, bebido com conhaque, aos poucos, aos goles. Um dos vaqueiros é um ex-pracinha, recém-chegado da guerra. Não é alguém especial, não se distingue dos demais por traço algum. Só responde quando interrogado, com simplicidade. Não acrescenta palavras, não faz narrativas, não se expande em conversas. Esse soldado se parece com o mineiro descrito por Guimarães Rosa em “Minas Gerais”. A descrição que dá se aplica perfeitamente ao soldado-vaqueiro: “Sua feição pensativa e parca, a seriedade e interiorização que a montanha induz – compartimentadora, distanciadora, isolante, dificultosa.”¹⁰ O soldado recusa-se a falar, em fazer alarde de sua participação, gargantear valentias. Sua palavra é curta e estritamente necessária. Vejamos: “Falei-lhe: aprovou, com um sim simples, vindo só às respostas, atencioso mas na singela opacidade, de quem vive e despercebe, ou tudo deu por perdido e esquecido, longe, remoto, no já dito.”¹¹ Sem conseguir extrair estórias desse mineiro típico, o narrador se dirige a outra dobra do tempo, mais à frente. Agora já é 1950. Também a terra é outra, estrangeira. Está-se em Pistóia, no Cemitério Militar Brasileiro, onde estão enterrados os soldados brasileiros mortos durante a Segunda Guerra Mundial. O autor leva flores. A quem dá-las, a quem dentre a multidão de covas idênticas? “As flores trazidas podiam ser dadas a um, qualquer, a uma cova, igual às outras, ao acaso. Adiantei-me, sem escolha, olhei, e li, na pequena placa: Soldado Alcides M. Rosa – Morto em 12 de dezembro de 1944 – 11º RI.”¹² Por

¹⁰ ROSA. *Ave, palavra*, p. 271.

¹¹ ROSA. *Ave, palavra*, p. 253.

¹² ROSA. *Ave, palavra*, p. 254.

coincidência, um outro Rosa, talvez parente, que o autor de imediato adota como um seu antepassado. Para Guimarães Rosa, que acreditava em coincidências, no sobrenatural, na ação de uma força misteriosa que nos une ou desune, encontrar aquele Rosa em terra estrangeira era, de certa forma, reencontrar suas origens, sua família, reencontrar-se. Como ele diz no final do texto: “Feito se nas Três Barras.”¹³

A memória, no seu percurso, ata as duas pontas da vida, apesar da geografia diferente e da imensa distância que permeia entre as lembranças. Primeiro, as lembranças de menino, a casa de fazenda como um navio, com sua varanda semelhante a um convés, onde se pode viajar e chegar a mundos jamais sonhados; depois, o encontro com o soldado mineiro sobrevivente da guerra, lacônico, inexpressivo, talvez privado de sua capacidade de sonhar e de contar estórias; por último, o encontro silencioso no cemitério, que o faz recordar-se da infância, de seus sonhos, da fazenda das Três Barras.

Outros textos de *Ave, palavra* deixam clara a preocupação de Rosa com as palavras, sua constante busca por uma forma expressiva mais nova, diferente, sua intenção de modernizar as palavras e a própria língua. Como ele diz, “Toda língua são rastros de velho mistério”.¹⁴ Talvez esses textos sejam fruto de suas anotações, outra de suas características, apontamentos que mais tarde seriam transformadas em estórias mais completas, ou incorporadas, como provérbios ou reflexões, a novas narrativas. No sumário de *Ave, palavra*, há vários títulos iguais, ou quase: são os “Zôo” e seus subtítulos: (*Whipsnade Park*, Londres); (Rio, Quinta da Boa Vista); (*Hagenbecks Tierpark*, Hamburgo – Stellingen); (*Jardin des Plantes*) e (*Parc Zoologique du Bois de Vincennes*). Da mesma forma, os textos denominados “Aquário”, e seus subtítulos: (Berlim);

¹³ ROSA. *Ave, palavra*, p. 254.

¹⁴ ROSA. *Ave, palavra*, p. 95.

(Nápoles) e “Do Diário em Paris” e “Do Diário em Paris III”. Nesses textos, pode-se colher alguns exemplos ao acaso. Além dessa tentativa de ir além do espécime ou da palavra que o designa, Rosa faz jogos de palavras, chistes, humor, que podem ser expressos pela palavra calembur: “O marisco, em ostracismo”; “O peixe sem rastro: isto é, a água sem nenhuma memória”; “O bagre tem sempre as barbas de molho”; “Amar é a gente querer se abraçar com um pássaro que vôa”; “Se todo animal inspira sempre ternura, o que houve com o homem?”; “Há também o riso do crocodilo”; “Também os defeitos dos outros são horríveis espelhos”; “Só as pessoas não morrem: tornam a ficar encantadas.” Esses são apenas alguns exemplos do trabalho de Rosa com as palavras, em sua ousadia, melhor, em sua insolência para dizer as coisas de um modo novo, tal como defende no prefácio “Hipotrérico”, de *Tutaméia*, citando Quintiliano:

O mais seguro é usar as [palavras] usadas, não sem um certo perigo cunham-se novas. Porque, aceitas, pouco louvor ao estilo acrescentam, e, rejeitadas, dão em farsa. Ousemos, contudo; pois, como Cícero diz, mesmo aquelas que a princípio parecem duras, vão com o uso amolecendo.¹⁵

Os passeios pelos zoológicos e aquários são, na verdade, tentativas de captar a essência de cada animal, à maneira de Picasso, cujo exercício com o boi progrediu do figurativismo realista ao figurativismo abstrato, reduzindo o animal a seus elementos mínimos. Trata-se, em Guimarães Rosa, de uma tradução intersemiótica em que o traço animal é traduzido em palavras. Não se trata, porém, de uma simples descrição. É mais um exercício, uma experimentação com as palavras, tentando apreender a palavra exata que capte a característica mais própria do animal. Nem se trata de dizer de forma diferente. Mais que isso, pretende-se ver o real de forma

¹⁵ ROSA. *Tutaméia*: terceiras estórias, p. 69.

diversa, que nos dê “o objeto nunca visto, ou jamais ouvido”. Por exemplo, as definições do caracol:

O caracol – babou-se!: sai de sua escada residencial.¹⁶
O caracol se assoa, nariz adentro.¹⁷

Ou então, as tentativas de dizer a água:

Vertical, resvés, a água se enjaula.¹⁸
A água, que não teme os abismos: a grande incólume.¹⁹
A água, facilmente acomodática.²⁰
A água, verdemente.²¹

E ainda, entre outras, as referências aos peixes:

Os peixes à baila, bocejam e se abanam, sem direito à
[imobilidade].²²
São peixes até debaixo d’água.²³
Tântalo é o peixe: que não pode cuspir nem ter a boca seca.²⁴
Só não existe remédio é para a sede do peixe.²⁵
O dormir do peixe é a água que se descuida.²⁶
O peixe vive pela boca.²⁷

Os exemplos são inumeráveis, assim como os processos tentados: há uma filosofia da linguagem, em que se pensa o que

¹⁶ ROSA. *Ave, palavra*, p. 174.

¹⁷ ROSA. *Ave, palavra*, p. 215.

¹⁸ ROSA. *Ave, palavra*, p. 38.

¹⁹ ROSA. *Ave, palavra*, p. 42.

²⁰ ROSA. *Ave, palavra*, p. 43.

²¹ ROSA. *Ave, palavra*, p. 178.

²² ROSA. *Ave, palavra*, p. 38.

²³ ROSA. *Ave, palavra*, p. 39.

²⁴ ROSA. *Ave, palavra*, p. 40.

²⁵ ROSA. *Ave, palavra*, p. 175.

²⁶ ROSA. *Ave, palavra*, p. 175.

²⁷ ROSA. *Ave, palavra*, p. 176.

a palavra deve ou pode exprimir. É a relação entre o signo e o referente, tal como os conceitua Peirce e tal como se relacionam: o signo, ao apreender o referente (o objeto) o faz sob alguns aspectos; o interpretante, ao traduzir o signo, não gera uma equivalência total. De modo que o processo semiótico é sempre dinâmico e parcial: jamais definitivo. Esse dinamismo é captado por Guimarães Rosa nessa sua tentativa, sempre renovada, de tentar dizer, através dos signos que emprega, os múltiplos referentes. Assim, tanto se criam frases que tentam ser lapidares como se repensam provérbios, como no último exemplo acima: “O peixe vive pela boca”. O exercício expressivo, junto com essa filosofia da linguagem, está no uso de palavras com uma intenção nitidamente experimental: “As conchas são os ossos do oceano, disperso esqueleto, desvago: cones, cócleas, volutas, vértices, lamelas, escudelas. A madrepérola pavã, colibril, faiança de aurora. A concha e o ouvido – mugem. Onde está uma concha, está o fundo do mar.”²⁸ Mais à frente lê-se: “O clial de ostras comestíveis. Um camarãozinho diáfano se acerca, com garupa. A ostra clapa as valvas.”²⁹

E:

Lauta lagosta maneja um compasso. Caranguejo oscilabundo, suas cravas se exageram. Tem alma centrípeta, num corpo ainda centrífugo; resultante: latera, recua. A lagosta palinuro, esgrimista, os pés movendo-se sucessivos, cada qual. O homardo – homar, astaco, astaz – se esquece de desinchar e fechar as disformes pinças. Cavático, corre a esconder num buraco a comida, feito um cachorro.

Nesses textos, percebe-se o experimentalismo de linguagem, em que há a mistura de neologismos (astaco, astaz, cavático), de arcaísmos (palinuro – piloto), de termos científicos (valvas, palinuro, homardo – os dois últimos um tipo de lagosta), de empréstimos

²⁸ ROSA. *Ave, palavra*, p. 173.

²⁹ ROSA. *Ave, palavra*, p. 175.

de outras línguas, como homardo, claiial e clapa que vêm, respectivamente, de *homard*, *claiie* e *clapper*, do francês.³⁰

Juntando o experimentalismo à erudição, o texto “Pé-duro, chapéu-de-couro” é um dos mais elaborados de *Ave, palavra*. Inicialmente, foi reportagem publicada em *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, responsável também pelo evento de que Guimarães Rosa foi o repórter: uma formidável reunião de vaqueiros na cidade baiana de Cipó, em 1952. Apesar da erudição, o texto se pretende histórico: os vaqueiros são presença antiquíssima na *Bíblia*, na *Iliada*, no Brasil árcaico de Gonzaga, em quase todos os lugares do Brasil do século passado, dilatando as fronteiras, na literatura de Alencar. Definitivamente, o vaqueiro assume seu papel heróico, épico, mas deve a Euclides da Cunha, em *Os sertões*, sua identidade definitiva: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Apesar disso, os vaqueiros se diluíram, dispersos por essa terra imensa que é o Brasil, até que Chateaubriand os fosse buscar e reunir. Findo esse trecho da reportagem de Rosa, quase um intróito, inicia-se a descrição do encontro dos vaqueiros.

Trata-se, evidentemente, de um texto documental que, por seu trabalho com as palavras, quase provocativo, ultrapassa em muito o documento, o mero registro de uma reportagem. Nas mãos de Guimarães Rosa, tudo pode acontecer. Descreve-se o vaqueiro, suas características, sua roupa de couro, os chapéus, as selas, os tipos raciais das mais diversas origens e dos múltiplos cruzamentos, que nada lembravam o sertanejo euclidiano, o “Hércules-Quasímodo”. A linguagem é hermética, sem concessões ao leitor. Vejam-se os trechos:

Menos que um pendão sem caldeira, também não erguem estandarte; nem nenhum clangor feeril de instrumento, que não o tornacanto do aboio, do aboiado que é a música da caatinga, bruxo ensom,

³⁰ Esse texto já estava escrito quando tomamos conhecimento do livro de Nilce S. Martins.

bovatim, vagaroso coerir-se da saudade. Mais alegre, porém, nesta Cipó – alva cidade: cidadezinha doadamente nova, um aduar de branca, por milagre em meio aqui, ilha sertã entre os poídos plainos que a adstringem, sobre seu rio – poços de água estanhava, brilhando de solsim – sob um céu consolador e fresco de vivianita, com o côo, no ar seco e são, de um bom calor macio, e, nos longes do quadro, a luz sendo e caindo, um beira-mar de campos e chãos, a se perderem *per herbas*.

Já mineiros e baianos põem de preferir, com o laço a vara-de-ferrão, ou “guiada” de hampa longa, rojão seguro, tirador das feras do matagal, de grotões e covocas, de brongos e movongos, dos enormes ninhos, hostis, no chavascal. Certo, não desdenham também de derrubar pela cauda, fazem piauí, dão muçuca e saca – que é como chamam à mucica nortista – e mancornam, socornam, assim quanto. Mas sua façanha é a “topada”, e sua arma, cuja verdadeira, a vara-de-topar – simplíssimo parente do *ficheiroun* camarguenho, do tridente provençal em haste de castanheiro, do aguilhão semilunar dos de Creta, da Creta egéia, taurina e taurólatra, domadores dos bois primigênios, gigantes, esmochados, às manadas.³¹

Além da dificuldade intencional, há as múltiplas referências intertextuais. A epígrafe são versos de Gôngora. Em seguida, vêm Homero, Gonzaga, Alencar, Euclides da Cunha, Homero novamente, Fernão Cardim, Huizinga, Virgílio, além das referências à mitologia grega e à de outros povos. Dá-se ao luxo de referir-se à própria obra e transcrever versos ouvidos a Manuelzão, seu personagem e vaqueiro de Minas Gerais, prática comum em sua obra, permeada de versos seus ou de outrem, de outros vaqueiros: “Querer bem é

³¹ ROSA. *Ave, palavra*, p. 141-142.

muito bom,/ mas é muito perigoso:/ se eu morrer, eu perco a vida/
se matar, sou criminoso.”³²

Sua força expressiva o levou a fazer também poesia. Em *Ave, palavra* são vários os títulos em que se permite, sob pseudônimo, dar vazão à sua veia poética. O uso de pseudônimos, aqui e em outros textos de *Tutaméia*, por exemplo, apenas reforçam uma característica comum na obra de Guimarães Rosa. É o tema do duplo: são prefácios, personagens, situações, narradores e narrações que se duplicam, de forma especular ou abismática, tal como se acha descrito no capítulo “O eu por detrás de mim: semiótica e psicanálise em Guimarães Rosa”.³³ Aqui basta citar os diferentes pseudônimos do autor: Soares Guimamar, Meuriss Aragão, Sá Araújo Ségrim, Romaguari Sães, que se somam àqueles de “Sobre a escova e a dúvida”, outro dos prefácios de *Tutaméia*: “(...) meu amigo Roasao, o Rão por antonomásia e Radamante de pseudônimo...”³⁴ Talvez, se a morte não o tivesse levado, prematuramente, esses pseudônimos poderiam ter servido para desenvolver uma obra poética diferenciada, à maneira de Fernando Pessoa, em que o autor se multiplica em vários outros “eus”, tão diferentes e tão ele mesmo.

Mas isso são meras suposições, ainda que apontem para a permanente presença do autor – João Guimarães Rosa – em sua obra: no conto “Cara-de-Bronze”, há a figura do personagem que vem de fora, faz perguntas aos vaqueiros e anota minuciosamente as respostas, tal como Guimarães Rosa o fazia. Esse personagem, sintomaticamente, é o Moimeichêgo, palavra que se desdobra, segundo informações do próprio Rosa, em *Moi, me, ich, ego*, como revela em carta a Edoardo Bizarri. A transformação de pessoas em personagens, como Manuelzão e Juca Bananeira, que conviveram com Rosa, é outro indício dessa presença do autor. Da mesma

³² ROSA. *Ave, palavra*, p. 149.

³³ MENDES; OLIVEIRA. *A astúcia das palavras*: ensaios sobre Guimarães Rosa.

³⁴ ROSA. *Tutaméia*: terceiras estórias, p. 166.

forma, o interlocutor oculto, que dialoga com Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, pode ser tomado como um duplo de Rosa.

A intercalação de versos próprios ou alheios na narrativa, comum em *Grande sertão: veredas* e em outros textos, apontam para esse envolvimento de Guimarães Rosa no texto ficcional. Rosa era também poeta, mesmo que não tenha atingido o nível existente nos contos e em *Grande sertão: veredas*. Provam-no os poemas de *Magma*,³⁵ livro inicial de Rosa, por tanto tempo guardado, e os poemas que aparecem nesses textos de *Ave, palavra*, como esse, de versos heptassílabos, cujo título é OU... OU. Vejamos:

A moça atrás da vidraça/ espia o moço passar. /O
moço nem viu a moça, /ele é de outro lugar.// O que
a moça quer ouvir/ o moço sabe contar:/ ah, se ele a
visse agora, / bem que havia de parar.// Atrás da
vidraça, a moça/ deixa o peito suspirar. / O moço
passou depressa, / ou a vida vai devagar?³⁶

Também o provam dois textos de *Ave, palavra*, verdadeiros poemas em prosa: “O riachinho Sirimim” e “Recados do Sirimim”. Sirimim é um riacho nascido do mel, que lembra os textos bíblicos, a terra prometida dos hebreus, por onde corre o leite e o mel. Diz o texto:

Na grotta onde tem uma pedra grande, cortada pelo
meio, e aí as abelhas aproveitaram uma fresta e
fizeram casa dentro. Ali é a nascente mais alta, e uma
das grandes. Ele nasce junto com o mel das abelhas.
[...] O mel também mereja, daquela pedra, junto do
lugar que nasce a água.³⁷

Depois de nascido, o riacho faz seu caminho, dando de beber, deixando nadar os peixes, regando as plantações, se

³⁵ OLIVEIRA. *Magma*: as origens de Guimarães Rosa.

³⁶ ROSA. *Ave, palavra*, p. 58.

³⁷ ROSA. *Ave, palavra*, p. 284.

encharcando nos arrozais, passando pelas pinguelas, contornando os bambus, o ninho do sabiá. Sirimim vai indo, vai embora. Mas volta na cheia do rio, crescido, falando grosso, se espalhando. Sem, entretanto, deixar de ser o riachinho Sirimim.

O outro texto, “Recados do Sirimim”, fala do Pedro, de sua família, seu trabalho, sua horta, sua fé. Sua vida de pobre, com suas pequenas coisas tão importantes, seus mínimos guardados, suas alegrias por tutameias, que se vão ajuntando, como as águas do Sirimim, e vão rolando para a frente, formando realidades boas e bonitas. O Sirimim, suas redondezas, seus habitantes e suas vidas estão em todo lugar. Estarão em Cordisburgo, terra das lembranças e da infância, estarão com quem tiver bons olhos para ver e ouvidos para escutar o ruído do rio, o jorro das minas d’água, o mergulho das aves, a simplicidade bela das hortas e dos mamoeiros, as pessoas com seus sonhos e desejos. Guimarães Rosa disse que o sertão está em todo lugar. O Sirimim, sereninho, também está. Guimarães Rosa disse que o sertão é dentro da gente. O Sirimim também é. Cada um de nós tem na memória a bica d’água, a várzea plantada, a horta do fundo do quintal. Cada um de nós tem sua lembrança da infância, da sua cidade do coração, de seu cordisburgo. Cada um de nós, serenos, somos também Sirimim.

Résumé: Nous nous proposons de faire l’analyse du livre *Ave, palavra*, de João Guimarães Rosa, en indiquant les caractéristiques que l’on y retrouve: le métalangage, la recherche du mot approprié, l’expérimentation linguistique et la description poétique d’êtres et de paysages, l’intertextualité, l’écriture de la poésie, le lyrisme et la duplication du narrateur/auteur. Ce livre représente la compilation, faite par Paulo Rónai, de textes de qualité irrégulière, qui serviraient de matière première pour ce que Guimarães Rosa développerait dans d’autres textes, comme il l’avait fait avec des fragments de *Magma*.

REFERÊNCIAS

BIZARRI, E. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1980.

CARVALHO, D. de. William Myron Davis vasculha o *Grande sertão: veredas*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27 nov. 1976. Suplemento Literário, p. 10.

MARTINS, N. S. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MENDES, L. B.; OLIVEIRA, L. C. V. de. *A astúcia das palavras: ensaios sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

OLIVEIRA, L. C. V. de. O eu por detrás de mim: semiótica e psicanálise em Guimarães Rosa. In: MENDES, L. B.; OLIVEIRA, L. C. V. de. *A astúcia das palavras: ensaios sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

OLIVEIRA, L. C. V. de. Magma: as origens de Guimarães Rosa. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, Belo Horizonte, v. 4, p. 15-25, dez. 2000.

ROSA, J. G. *Sagarana*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

ROSA, J. G. *Tutaméia: terceiras estórias*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ROSA, J. G. *No Urubùquaquá, no Pinbém*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

ROSA, J. G. *Ave, palavra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.